

# **Dr. Robert C. Newman, Evangelhos Sinópticos , Aula 8, Gêneros Evangélicos**

© 2024 Robert Newman e Ted Hildebrandt

Ok, estamos aqui em nosso curso de Evangelhos Sinópticos. Vimos um deles, o Jesus histórico; dois, o contexto judaico do Novo Testamento, particularmente os Evangelhos; terceiro, a introdução à exegese e ao gênero narrativo, e uma amostra disso em Mateus 2, Reis Magos Visitados. Vimos a seção quatro, autoria e data dos Sinópticos, na qual também olhamos as características, algumas das características dos Sinópticos, e acabamos de terminar a seção cinco, o gênero parábolas e sua exegese e olhamos para Jesus parábola em Mateus 22:1 a 14, O Banquete de Casamento.

Queremos passar agora para o número seis do nosso curso, seis dos 12 tópicos do plano, que são os Evangelhos como obras literárias. Isso é pensar em termos de, ok, o que podemos aprender com o estudo da literatura sobre como os Evangelhos funcionam dessa forma? Então, a primeira coisa que queremos nos perguntar é a forma literária dos Evangelhos. Qual é a forma literária ou gênero geral dos Evangelhos? E uma série de sugestões diferentes foram feitas nessa direção.

Veremos quatro deles aqui: biografia, propaganda, história dramática e coleções de histórias. Então essa é a direção que queremos seguir. Em primeiro lugar, biografia.

Obviamente, os Evangelhos apresentam informações sobre Jesus, uma pessoa que realmente viveu na história, por isso são certamente biográficos em certo sentido. Vários comentaristas apontaram que não são biografias no sentido acadêmico moderno, mas não foram escritas para serem biografias no sentido acadêmico moderno. Então, eles não foram escritos por quem hoje é normalmente visto como o ideal, se você preferir, um observador não envolvido com uma atitude imparcial, ok? No entanto, muitas biografias acadêmicas modernas também não são escritas por pessoas com atitudes imparciais.

Se você olhar para eles, alguns talvez sejam itens de elogio, mas talvez com mais frequência, uma forma de minar ou descarregar alguém. Eles não estão tentando fornecer todas as datas e fatos importantes, ok? Normalmente, espera-se que um biógrafo tente fornecer todas as informações importantes que possam ser conhecidas sobre a pessoa, então, quando ela nasceu e o que sabemos sobre sua infância e todo esse tipo de coisa, e não parece que o Evangelho escritores estão fazendo isso. Algumas das biografias feitas hoje seriam reminiscências pessoais ou estudos de caráter ou algo desse tipo, e os Evangelhos não são basicamente assim.

Achamos que envolvem reminiscências pessoais, mas não estão estruturados dessa forma, por isso os autores não se apresentam, como já vimos nesse sentido. Contudo, os Evangelhos são realmente mais parecidos com uma biografia no antigo sentido popular. Isto é, como as biografias foram escritas na antiguidade e como foram escritas para um público mais amplo.

Assim, por exemplo, antigas biografias populares foram escritas com preocupações práticas e muitas vezes usadas para algum tipo de exortação, de que o autor pretendia que você imitasse essa pessoa em particular, ou se ele estava fazendo talvez uma série de biografias onde havia mocinhos e bandidos, que você deve evitar imitar essa pessoa para um propósito ou outro. As biografias antigas pretendiam familiarizar o leitor com a pessoa histórica, e podemos certamente dizer que esse é o propósito dos Evangelhos bíblicos no Novo Testamento. As biografias antigas pretendiam dar algum relato dos feitos e palavras desta pessoa, sem talvez pretender dar tudo o que poderia ser dito, e é isso que o Novo Testamento, o que os Evangelhos estão fazendo e, de fato, João nos diz explicitamente no final do seu Evangelho que muito mais poderia ser dito, mas isto foi dito e este é o seu propósito.

Seu propósito é que você possa acreditar que Jesus é um Messias e que você possa ter vida através do nome dele. Existem algumas semelhanças nos Evangelhos com biografias antigas sobre Sócrates, o filósofo grego Epicteto, do século II dC, e um guru religioso, poderíamos dizer Apolônio de Tiana, também do século II dC. Mas os Evangelhos, ao contrário destas antigas biografias populares, concentram-se na morte de Jesus e nas reações a Jesus, e nessas áreas, penso que são incomuns no que diz respeito às antigas biografias populares, mas ainda estou inclinado a dizer que o a biografia de gênero é de fato a coisa mais próxima que temos na antiguidade desses Evangelhos em particular.

Alguns sugeriram que os Evangelhos são propaganda, o que, claro, tem uma conotação muito negativa. PR também tem conotações negativas – discurso de vendas, exagero, etc.

Bem, os Evangelhos procuram convencer os leitores de que Jesus é de vital importância e movê-los a responder-lhe adequadamente, mas faltam-lhes muitas características que essas outras declarações, que outros tipos de rótulos, sugeririam. A propaganda, como o nome indica, procura propagar certas ideias ou atitudes, mas agora é comumente um palavrão porque muitas vezes brinca de maneira rápida e frouxa com a verdade e dá aos acontecimentos um giro particular. Geralmente também envolve trabalhar os medos ou preconceitos das pessoas ou tentar excitar emoções e, curiosamente, os Evangelhos não fazem nada disso.

Eles não tentam dar um toque especial aos eventos. Eles normalmente permitem que você veja o que Jesus disse e o que ele fez, e apontam que existem diferentes tipos de reações, etc., e sem dúvida, se uma pessoa já é cristã convencida, ela pode

ver que essas são reações ruins a Jesus e que essas reações são negativas. São boas reações, etc., mas os escritores não dizem muito sobre isso. Os escritores dos Evangelhos estão tentando atrair uma resposta do leitor, mas não é principalmente a resposta de apenas fazer você se interessar por ele ou admirá-lo, embora isso certamente esteja envolvido.

Primeiramente, o que eles estão tentando evocar é uma resposta de fé ou confiança em Jesus, e eles não estão fazendo isso principalmente, mas o que consideramos um chamado ao altar ou algo desse tipo, que, é claro, nós veremos algo desse tipo em alguns, digamos, discurso de Estêvão, bem, talvez não no melhor exemplo de Estêvão, no discurso de Pedro em Atos, e o discurso de Paulo está lá, e esse tipo de coisa. Os escritores dos Evangelhos na verdade são surpreendentes porque, em primeiro lugar, eles restringem a sua fé pós-Páscoa ao contar a história, para que ainda não insinuem que Jesus ressuscitou dos mortos antes disso, exceto que Jesus prediz que em alguns lugares, mas ele prevê que junto com a morte e os discípulos realmente não estão prontos para ouvir todo esse pacote. E deixaram que os acontecimentos do ministério de Jesus contassem a sua própria história, em vez de fazerem comentários avaliativos repetidas vezes através dos Evangelhos.

De vez em quando, você tem comentários avaliativos, mas não há muitos deles. Então, sim, os Evangelhos estão tentando propagar a confiança em Jesus, mas não o fazem da maneira que pensamos em propaganda. A terceira sugestão para a forma literária dos Evangelhos é a história dramática.

E sim, os Evangelhos estão contando uma história dramática das pessoas, ações e impacto de Jesus, que é uma figura real na história, e de certa forma parecem mais peças de teatro, dramáticas na história dramática, do que narrativas modernas. . Roland Fry, crítico literário da Universidade da Pensilvânia, acha que os Evangelhos deveriam ser classificados como histórias dramáticas, e compara os Evangelhos às peças históricas de William Shakespeare, que, é claro, tem uma série de histórias dramáticas, e a George A peça de Bernard Shaw, particularmente aquela de Santa Joana. Bem, quais são as características da história dramática? Fry diz, bem, basicamente uma história dramática é essencialmente uma representação justa dos eventos, então não é algo que tenhamos muita invenção. Está lhe contando o que aconteceu.

Uma história dramática é dirigida a um público geral amplo, por isso a intenção é envolvê-los, se quiser, mas uma história dramática precisa cobrir muito terreno em um pouco de espaço, e por isso a condensação é muito importante para atrair a atenção, para prender a atenção, etc. E isso, penso eu, também é significativo nos Evangelhos, em parte, suspeito, por esta mesma razão, e em parte talvez porque os livros eram caros na antiguidade, e embora Josefo, você sabe, use sete volumes para sua História dos Judeus, desculpe-me, de sua Guerra dos Judeus, Guerra Judaica, e 20 volumes para suas Antiguidades, e esses volumes seriam mais ou menos do

tamanho de um rolo de papiro padrão, ele está escrevendo para um homem abastado. fazer público, e o Cristianismo é direcionado a um público mais amplo, que inclui pessoas que não serão capazes de pagar esse tipo de coisas, então a pessoa média, eu acho, poderia pagar, se quisesse investir o dinheiro para isso, um ou dois volumes, esse tipo de coisa, então normalmente os Evangelhos são projetados dessa forma. Então, a condensação é importante, e parte dela, eu acho, atrai e retém público, e parte é por essas razões financeiras.

A prática chave na história dramática é usar pessoas representativas ou modelos, então essa pessoa interagiu com todos os tipos de pessoas, escolha alguns exemplos de tipos diferentes, ok, então exemplos de seguidores, exemplos de oponentes, esse tipo de coisa, para usar um incidentes representativos ou exemplares, você está cobrindo a vida da pessoa, mas não pode cobrir os detalhes da vida, é muito complicado, mas o propósito então dessas pessoas representativas, incidentes e ações, ações da pessoa que você ' Contar a história é fornecer uma imagem precisa, mantendo a extensão dentro dos limites, e acho que isso, novamente, se encaixa muito bem com o que os Evangelhos estão fazendo. Uma quarta sugestão é, são coleções, é o gênero, se você quiser, coleções de histórias, ok, você pode encontrar ao longo da história lugares onde você tem coleções de histórias de um tipo ou de outro, você sabe, histórias sobre Robin Hood, ou histórias sobre George Washington, ou histórias sobre Abraham Lincoln, etc., e algumas delas presumivelmente lendárias, algumas delas são na verdade históricas, mas são uma coleção de coisas que fazem isso. Bem, os Evangelhos são mais marcantes em contraste com as biografias modernas por serem uma coleção de histórias, isto é, incidentes, discursos e ditos de Jesus, e isso permite que os Evangelhos funcionem de uma forma que uma biografia, particularmente aquela que tenta meio que cobre uniformemente a vida da pessoa, não consegue fazer tão bem.

Por exemplo, ao usar uma coleção de histórias para montar uma biografia com a escolha certa de histórias e coisas assim, você pode tornar a biografia muito mais cheia de ação do que seria de outra forma. Então, você usa inúmeras histórias breves, o que permite mais ação do que uma única narrativa conectada onde você tenta acompanhar tudo. Há lugares nos Evangelhos onde você tem uma única narrativa conectada por um ou dois dias, mas geralmente não mais do que isso.

Essas coleções de histórias que representam cada Evangelho estão centradas em Jesus, então você olha para sua pessoa e obra, explica e celebra o que ele fez. Na verdade, não há muitas explicações ou comemorações. Isso é, novamente, um tipo de coisa mais avaliativa, e não é muito disso. Você pode usar a narrativa com bastante facilidade do que uma coleção de histórias para mostrar as ações de Jesus, as palavras de Jesus e a resposta de outros a ele, e você pode realmente ver com uma série de anedotas nos Evangelhos que algumas delas se concentram em essas ações e alguns se concentram nessas palavras, e para alguns deles o tema principal é uma variedade de respostas a ele, esse tipo de coisa.

Usar uma coleção de histórias também permite usar materiais variados. Muitas pessoas pensam que essas histórias foram usadas de forma independente antes de serem compiladas. Os críticos do fórum dizem que esses materiais circularam de forma independente, e acho que provavelmente há algum sentido em que isso é verdade, mas eu sugeriria que eles foram usados de forma independente pelos apóstolos e outras testemunhas oculares enquanto iam de um lugar para outro como anedotas separadas, mas eles sabiam como eles andaram juntos e essa informação nunca foi perdida.

Encontramos várias categorias de narrativas breves, e você se lembra da lista de Riken acima, onde examinamos todos os diferentes tipos de narrativas: narrativas de encontro, narrativas de paixão, narrativas de nascimento, narrativas de controvérsia e coisas desse tipo. Usar uma coleção de histórias permite, em algumas delas, esboçar acontecimentos e outras detalhar um determinado acontecimento e permite ter diálogos alternados com discursos onde apenas Jesus está falando, bem como coisas desse tipo. Da mesma forma, na forma como os Evangelhos são organizados, você tem as palavras de Jesus, e algumas delas são apenas breves declarações, quase frases de efeito, o cego guiando outro cego, devolvendo a César o que pertence a César e a Deus o que pertence a Deus, e outros são discursos estendidos como o Sermão da Montanha ou o Discurso do Monte das Oliveiras, e outros assumem a forma parábólica, e isso permite que você obtenha muita variedade e veja algumas perspectivas diferentes sobre como Jesus era, e o que ele ensinou e o que estava fazendo.

Então, essa é uma pequena discussão sobre o gênero. Pensando nisso e tentando juntar as coisas, eu diria que os Evangelhos são basicamente biografias. Eles funcionam de maneira um pouco diferente, provavelmente, das biografias antigas, pois apresentam esse tipo de história do incidente individual, então você verá um pouco disso em biografias antigas, e que elas estão tentando fazer com que as pessoas acreditem em Jesus. , mas por outro lado evite o tipo geral de coisas que vemos na propaganda, mas elas se assemelham, em alguns aspectos, a uma história dramática onde você está mostrando, permitindo que uma pessoa compreenda em um curto período de tempo, o drama do que está acontecendo na vinda de Jesus e tal.

Passamos a pensar um pouco sobre as técnicas utilizadas nos Evangelhos, e vou apresentar aqui uma série de técnicas. Deixe-me ver quão grande é, apenas seis , eu acho. Em primeiro lugar, vemos que uma das técnicas dos escritores dos Evangelhos é a contenção e a objetividade.

Os Evangelhos são incomuns e diferentes até mesmo da maioria das biografias antigas, pois os autores deixam Jesus falar. Eles não tentam persuadir ou influenciar o leitor através do que chamamos de comentários avaliativos. A única coisa que

fazem nesse sentido, a única técnica que usam nesse sentido, é a seleção do incidente.

Portanto, por enfatizarem certos incidentes e não outros, eles podem chamar a sua atenção para o que Jesus afirmou e como as pessoas reagiram a isso. Em segundo lugar, temos contas compactadas e concisas. Especialmente nos Evangelhos Sinópticos, o que contrasta até com o Evangelho de João, a maioria dos incidentes são cenas únicas com alguns atores, muitas vezes um grupo agindo como uma unidade.

Essas são características da narrativa, se você quiser, e são contadas com um uso muito econômico de palavras. O Evangelho de João tende a trabalhar com menos relatos, mas com relatos mais longos e detalhados e menos desse tipo de técnica. Em terceiro lugar, além da contenção, da objetividade e dos relatos concisos e compactados, a narração é muito concreta.

Relatos breves podem facilmente se tornar insossos se forem resumos gerais, e se você disser, bem, Jesus falou por um tempo sobre o fim dos tempos ou algo assim, você sabe, você meio que não, você está dizendo algo, mas não está contando muita coisa. Este perigo pode ser evitado pela apresentação de incidentes específicos usando descrições curtas e vívidas, como um esboço de artista, onde um artista pode dar, o que você diria, a aparência de uma pessoa com, você sabe, apenas 20 linhas ou então, você sabe, se você estivesse tentando fazer, o que você diria, um gráfico disso, você poderia precisar de mil pixels ou algo assim, mas uma técnica que lhe permita conseguir isso. Assim, os escritores dos Evangelhos usam incidentes específicos, descrições curtas e vívidas e discurso direto.

Ok, a pessoa fala, o oponente ou a pessoa que busca a cura ou algo assim fala, etc., ao invés do escritor ficar um tempo tentando caracterizar quem é. Ocasionalmente, ele faz isso, então temos uma pequena caracterização do demoníaco que vive nas cavernas, etc., e esse tipo de coisa, mas não muito disso. A caracterização é frequentemente fornecida pelas palavras e ações do ator naquele incidente específico, e não pelas declarações específicas do escritor do Evangelho.

Uma quarta técnica é a seleção de materiais. Os autores aparentemente têm uma ampla gama de incidentes que poderiam ter selecionado, e escolhem aqueles que irão contar, e então pensam em termos de como irão usá-los. Assim, sem realmente usar palavras avaliativas, o autor pode comunicar a sua ênfase pela quantidade de espaço que dedica a um incidente específico ou a um item específico desse incidente, quer opte por usar o diálogo ou algum tipo de declaração sumária, e quais as expectativas que tem. surge na mente do leitor.

Então, seleção de materiais. Você se lembra, novamente, que João nos diz que Jesus fez todo tipo de coisas, mas estas foram escolhidas, selecionadas, etc., para que você possa saber. Uma quinta técnica é uma variedade.

O autor agrupa seus materiais de diversas maneiras, às vezes alternando as ações de Jesus com suas palavras, milagres com polêmicas, seguidores com oponentes, e isso ajuda a manter a atenção do leitor, ou se for lido em voz alta, ajuda a manter a atenção dos ouvintes. Uma sexta técnica é a amostragem. Os escritores dos Evangelhos aparentemente nos dão exemplos do discurso e das ações de Jesus, em vez de tentarem fornecer um relatório completo.

Estes são tipicamente exemplos dos tipos de milagres que Jesus fez, dos vários tipos de pessoas com quem ele interagiu, dos tipos de oposição que enfrentou e dos tipos de discursos que proferiu em diversas ocasiões. Portanto, algumas das técnicas aqui, e muito disso remontam a Leland Ryken, contenção e objetividade, relatos concisos e compactados, narração muito concreta, seleção de materiais, variedade e amostragem. Vemos algumas palavras sobre os discursos de Jesus.

Algumas das características típicas do falar de Jesus, tal como aparecem nos Evangelhos. Ryken, penso eu, novamente aqui diz que os discursos de Jesus são caracterizados por serem aforísticos, poéticos, padronizados, subversivos, uma fusão de gêneros e estruturados. Vamos examiná-los rapidamente e pensar um pouco sobre eles.

Aforístico, ok, posso não estar familiarizado com esse termo, mas significa curto, se você preferir. As palavras de Jesus são tipicamente breves, quase como frases de efeito modernas. Isso me impressionou, uma vez dei uma palestra sobre teologia, como Jesus foi capaz de transmitir coisas teológicas importantes em frases únicas, etc.

As palavras de Jesus são tipicamente breves, quase como frases de efeito modernas, mas as palavras de Jesus tornam-se memoráveis pela estrutura e pelo jogo de palavras. Você ouve muitas frases de efeito hoje ao assistir notícias de TV ou algo desse tipo, mas muitas delas você esqueceu um dia depois de terem sido ditas, mas a técnica de Jesus de usar estrutura, então você tem paralelismo e várias coisas assim, hipérboles e coisas assim, e também algum tipo de jogo de palavras, nos permitem lembrar algumas das coisas de Jesus. As palavras de Jesus muitas vezes lembram um provérbio: não julgue, ou você também será julgado.

Se um cego guiar outro cego, ambos cairão na vala. O discurso de Jesus é poético. Lembre-se de que a poesia hebraica não rima e, se fosse métrica, não teríamos uma boa noção do que é a métrica, mas Jesus costuma usar o paralelismo hebraico.

Ele usa imagens concretas, e esse tipo de imagem, algo muito específico e não algo muito abstrato, é uma característica da poesia. Ele usa metáfora, símile, paradoxo e hipérbole. É mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no céu.

Fica na sua mente, se quiser. A fala de Jesus é padronizada, com muitas repetições. Você já ouviu o que foi dito, mas eu lhe digo que ele usa isso cerca de cinco vezes ao estabelecer o que constitui a verdadeira justiça, em oposição ao que poderíamos chamar de falsa justiça ou graça barata ou algo desse tipo.

Ele equilibra as entrelinhas, e isso novamente remete a algum tipo de paralelismo. Exemplo aqui de repetição e equilíbrio. Peça e lhe será dado. Procure e você encontrará. Bata e a porta será aberta para você.

Uma quinta característica, mais uma vez, que Wright pode ouvir do discurso de Jesus é subversiva e algumas pessoas têm usado isso de forma bastante insatisfatória, mas Jesus ataca a nossa maneira quotidiana de pensar.

Ele mina nossos valores convencionais. Jesus não mina os valores reais da Bíblia, mas muitas vezes mina a maneira como eles foram emburrecidos ou diluídos ou algo desse tipo entre pessoas que são meramente convencionalmente religiosas. Tomemos as bem-aventuranças, por exemplo, como uma forma que mina a nossa maneira de pensar cotidiana.

Bem-aventurados os pobres. Quem geralmente pensa que os pobres são abençoados? Certamente não é uma maneira padrão de pensar. Bem-aventurados os que choram.

Geralmente tentamos ficar longe das pessoas que choram, se pudermos. Bem-aventurados os gentis, etc., e a versão King James, os mansos, etc., e em uma época de auto-afirmação, a mansidão geralmente não vai muito longe. E, no entanto, Jesus diz que é aos pobres de espírito que o reino dos céus pertence, se você quiser, que aqueles que choram um dia serão consolados.

Aqueles que são gentis herdarão a terra, não os poderosos, e os assertivos e outros são os que herdarão a terra. Portanto, a forma como a sociedade em geral pensa em progredir, quer se trate de sociedades modernas ou de sociedades antigas, é, se quisermos, minada por estas coisas específicas. Jesus muitas vezes em seus discursos reúne vários gêneros diferentes.

Ryken sugere, por exemplo, que o Sermão da Montanha comece com Bem-aventuranças, declarações abençoadas e ok, que caracterizam alguns dos Salmos. Existem nove deles no início. Em seguida, ele dá alguns esboços de personagens.

Lembre-se de que o jejum dos hipócritas, se quiser, é um belo exemplo de um pequeno esboço de personagem. Ele usa um provérbio: não julgue, ou você também será julgado. Ele usa a sátira, a ideia de fazer uma cirurgia ocular com visão ruim, o cara com a trave no olho, etc.

Ele usa coisas do tipo lírico: vocês são a luz do mundo, a parábola, os construtores sábios e os tolos, a oração e a oração do Pai Nosso. Então, vemos um monte de gêneros reunidos em um discurso bem curto, o que seria muito incomum para sermões e afins hoje feitos por pastores e afins. Ryken diz que o Sermão como um todo é literatura utópica.

Não existe sociedade como esta na terra, embora eu pense que a sugestão de Jesus é que isto é o que os meus seguidores deveriam procurar produzir, uma sociedade como esta. É um discurso inaugural, por assim dizer. Jesus está esboçando como ele deseja que seja o seu reino e o que ele, como rei, fará para avançar nessa direção.

E o Sermão da Montanha é literatura sapiencial. Tem muitas estruturas que caem nessa direção. Por último, Ryken sugere que os discursos de Jesus são estruturados e diz que são simples; eles são muito artísticos.

Isso foi algo que me impressionou muito pessoalmente, fazendo cursos na Duke, História do Antigo e do Novo Testamento, e depois na Penn, e algumas coisas, uma das quais era sobre Jesus, que você entendeu, bem, uma posição liberal. Muitas vezes é que Mateus ou quem quer que tenha sido o compilador do evangelho de Mateus tinha um monte de ditos de Jesus e ele meio que os amontoou, etc. Mas me ocorreu, não, eles são muito organizados. Há um gênio em sua organização, há um gênio em seu conteúdo, etc.

E assim, vamos substituir Jesus, que é o candidato mais provável, por alguns gênios desconhecidos na história da igreja primitiva do primeiro século, aliás. Altamente artísticos, temas únicos ou exemplos triplos muitas vezes fazem parte da estrutura, se preferir, dos discursos de Jesus. E aqui está o que Ryken diz em Palavras de Vida, página 120.

A arte do design é aparente. Não há razão para que o sermão tal como está não possa ser exatamente a forma que os sermões mais longos de Jesus assumiram. Então, acho que ele tem algo parecido com essa reação aí.

Bem, uma referência aqui ao encerrarmos esta seção e, novamente, mais poderia ser dito sobre os evangelhos como obras literárias, mas Leland Ryken fez muito deste trabalho que foi feito a partir de uma perspectiva evangélica. Veja suas Palavras de Vida, uma introdução literária ao Novo Testamento, que foi expandida para toda a Bíblia em Palavras de Deleite. Então tem uma seção do Antigo Testamento, e então esta Palavra de Vida foi incorporada nela.

Ryken também foi um dos principais editores da obra de referência da InterVarsity Press chamada Dicionário de Imagens Bíblicas, que também contém material muito útil. Ok, bem, acho que isso encerra o que queremos tentar cobrir hoje. Então, já percorremos seis das 12 seções do nosso curso sobre Evangelhos Sinópticos e temos mais seis pela frente.

Deixe-me apenas esboçar isso para você aqui e então desistiremos. Já examinamos o Jesus histórico, a formação judaica, a introdução à exegese e ao gênero narrativo, a autoria, a data, os Sinópticos, incluindo as caracterizações, a exegese de parábolas e os evangelhos como obras literárias. Aqui no futuro, se Deus quiser, queremos olhar para o problema sinótico, qual é a relação entre Mateus, Marcos e Lucas, a geografia da Palestina e de Jerusalém, o gênero dos relatos de milagres e como exegetá-los, a teologia dos sinópticos, pensando na teologia bíblica dos sinópticos, como os sinópticos estruturam sua teologia, que tipo de terminologia usar, qual sua ênfase, se preferir, e então como interpretar relatos de controvérsias, e finalmente, terminaremos com formar crítica e crítica de redação.

Ok, muito obrigado.